

# PROJETO DE VIDA E IDENTIDADE POLÍTICA: UM CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO

*LIFE PROJECTS AND POLITICAL IDENTITIES: A WAY TO EMANCIPATION*

Sérgio Silva Dantas <sup>1</sup> Antonio da Costa Ciampa <sup>2</sup>

## Resumo

Esse artigo buscou trazer à discussão, no âmbito da Psicologia Social, a importância de se considerar, em estudos sobre Identidade, a análise não só da história, mas também do projeto de vida dos sujeitos como forma de coletar informações sobre seu processo identitário. Serviu de referencial teórico para essa discussão o sintagma identidade-metamorfose-emancipação, proposto por Antônio da Costa Ciampa, bem como seu embasamento na teoria da ação comunicativa de Habermas. A existência de uma identidade política, somada a um projeto de vida autônomo, conduzem o indivíduo para a emancipação de sua identidade. É apresentado, ao final do artigo, um caso em que, ao abrir mão da adesão à políticas de identidade heterônomas e assumindo uma identidade política, o sujeito conseguiu fragmentos de emancipação em seu projeto de vida.

**Palavras-chave:** Identidade; Projeto De Vida; Identidades Políticas.

## Abstract

This paper brings the reflexion, in the context of social psychology, of the importance of considering in studies at the field of Identity, the analysis not only of history but also the life project of individuals, in order to collect information about your identity process. The theoretical framework for this discussion was the sintagma identity-metamorphosis-emancipation proposed by Ciampa (1987/2009), as well as their basis in Habermas theory of communicative action (1975, 1983, 1987). The existence of a political identity, coupled with an autonomous life project lead the individual to this condition. Appears at the end of the article, a case in which, to give up the adherence to heteronomous identity politics and taking a political identity, the subject achieved emancipation fragments in his life project.

**Keywords:** Identity, Life Project, Political Identities.

<sup>1</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie) & Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professor da PUCSP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie E-mail: sergio\_sd@terra.com.br

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutor em Psicologia Social pela PUCSP. Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUCSP. E-mail: ciampa@pucsp.br

## INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, vários estudos têm sido realizados na área da Psicologia Social, objetivando investigar a questão da identidade. No Brasil, tais estudos se baseiam, primordialmente, na teoria de Identidade proposta por Ciampa (1987/2009), a qual contempla a Identidade a partir de seus processos de metamorfose em busca da emancipação.

De maneira geral, a metodologia de narrativas de histórias de vida tem sido o principal método de coleta de dados utilizado pelos estudiosos dessa linha de pesquisa, pois acreditam que, a partir da narrativa contada pelo sujeito (e pelo sentido atribuído por ele aos eventos ocorridos ao longo de sua trajetória de vida), seja possível identificar a existência ou não de fragmentos de emancipação em suas vidas.

Queiroz (1998, p. 20) define a narrativa de história de vida como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.

O objetivo desse artigo é propor novos paradigmas que auxiliem a análise das pesquisas sobre o sintagma identidade-metamorfose-emancipação (Ciampa, 1987/2009). A princípio, será discutida a teoria de Identidade de Ciampa (1987/2009) e a dualidade identidades políticas e políticas de identidade, bem como apresentada a importância de se conhecer história e projeto de vida. Na sequência, será apresentado um caso que sustenta a proposição do artigo: de que a existência de um projeto de vida autônomo e a construção de uma identidade política levam o sujeito à possibilidade de apresentar fragmentos de emancipação.

## O SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO

O tema “identidade” é uma das questões mais sensíveis de estudo na Psicologia.

Há diferentes interpretações da amplitude do termo, além de diferentes linhas teóricas que ora a associam ao conceito de personalidade, ora a distanciam desse conceito. Há, ainda, estudos mais direcionados ao entendimento da identidade como uma questão coletiva (a identidade de um grupo, de uma nação, de torcedores de um determinado time de futebol, por exemplo) e estudos que olham para a questão da identidade mais no plano individual, do sujeito, porém relacionando com sua presença social. É nesta última perspectiva que se encontra o campo de estudo deste artigo.

Importante destacar que a identidade é construída socialmente, como foi trabalhado por Berger e Luckmann (2008), para os quais a individuação é viabilizada pela socialização (primária e secundária). Isto leva a identidade a se metamorfosear ao longo da trajetória de vida do sujeito, havendo aí a existência de diferentes personagens (Ciampa, 1987/2009).

Habermas reforça esse caráter de metamorfose da identidade. Segundo o autor, “a identidade do Eu pode se confirmar na capacidade que tem o adulto de construir, em situações conflitivas, novas identidades, harmonizando-as com as identidades anteriores agora superadas” (Habermas, 1983, p. 70). Pode-se perceber que quando trata da “harmonização com identidades anteriores agora superadas”, Habermas está explanando sobre metamorfose identitária, tal qual Ciampa (2009) nos apresenta.

Ciampa (2009, p. 143) também apresenta outro interessante ponto a respeito da identidade humana: “ela é a articulação da diferença e da igualdade”. Um nome completo, por exemplo, ao mesmo tempo em que nos iguala (o nosso sobrenome nos atribui um pertencimento a uma família, a um grupo de pessoas com algo em comum), também nos diferencia (raramente – com exceção dos casos dos Júniores, Netos, Sobrinhos, etc. – há duas pessoas na mesma família com o mesmo nome). Isso é identidade: uma forma de igualar-nos no mundo, ao mesmo tempo em que nos diferencia.

Canetti (1990) mostra que exercitar a metamorfose é algo valioso, porém desestimulado pela lógica sistêmica. Ciampa (1997, p.1) concorda e define a metamorfose humana como “a progressiva e interminável concretização histórica do vir-a-ser humano, que sempre se dá como superação das limitações e das condições objetivas existentes em determinadas épocas e sociedades”<sup>1</sup>

O que Ciampa (2009) propõe é que, no processo de identidade-metamorfose, o indivíduo busque não a re-posição da mesmice, e sim uma mesmidade. Parafraseando Heidegger, o que o autor diz é que a pessoa deve “buscar ser ela mesma, não como atualização de uma essência (ou um traço essencial); ser ela mesma, no sentido de que ‘o ser é determinado a partir de uma identidade, como um traço dessa identidade” (Ciampa, 2009, p. 148). Nesse processo, é possível, a partir da superação da personagem re-posta pelo indivíduo (mesmice), a expressão de “um outro outro que também sou eu” (mesmidade), possibilitando a viabilização de projetos de identidade, cujos conteúdos não estejam prévia e autoritariamente definidos (Lima, 2010).

Esses movimentos de metamorfose podem levar a fragmentos de emancipação, que proporcionam para o indivíduo maior proximidade ao desejo de “vida boa”, que Habermas (1987) define como uma vida escolhida de ser vivida de forma autônoma, por um processo de escolha não-coercitivo.

Giddens (2002, p. 13) reforça a importância da emancipação, mostrando o mal que a sua falta causa para o indivíduo: “A modernidade, não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização. Afastando a possibilidade da emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização do eu”.

Ciampa (2009), recorrendo a Habermas (1983) mais uma vez, encontra semelhanças no que chamamos de identidade-metamorfose e naquilo que Habermas (1983) chama de identidade pós-convenção.

Ciampa (1997, p.1) também destaca, ao analisar a sociedade atual, que a racionalidade instrumental (aquela mais voltada para encontrar meios de se chegar aos fins) tem superado a racionalidade comunicativa (a busca pela compreensão intersubjetiva a fim de buscar um consenso). Isso se dá porque, para o capital, a primeira é muito mais conveniente que a segunda. Ciampa (1997, p. 1), inspirado em Habermas, também chama isso de “colonização do mundo da vida pela ordem sistêmica”.

Para Habermas, a sociedade é formada pelo sistema, pelo mundo da vida e pelo complexo dialético que se forma entre eles (Habermas, 1987; Reese-Schäfer, 2001; Siebeneichler, 2003). Para tanto retoma o conceito de mundo da vida do filósofo alemão Edmund Husserl, e realiza uma equivalência deste ao conjunto de interações mediadas pela linguagem, isto é, o contexto onde se formam os processos de entendimento e onde os falantes e ouvintes se movimentam (Habermas, 1987; Siebeneichler, 2003). Pinzani (2009) diz que se trata de um pano de fundo que constitui o horizonte da nossa vida (visões do mundo, normas e regras de comportamento que permanecem implícitas).

Já o sistema é o conceito oposto ao mundo da vida, sendo identificado como todo contrato social, inclusive “a sociedade enquanto conjunto da consideração de todos os contratos possíveis” (Habermas, 1987; Reese-Schäfer, 2001, p. 55-6). Habermas busca esse conceito em Luhmann, para o qual a sociedade pode ser vista como um sistema, sem ser necessariamente um

<sup>1</sup> Tradução do autor (original em espanhol)

sistema de forma absoluta (já que também é composta pelo mundo da vida). Nessa dialética entre mundo da vida e sistema, Habermas destaca o processo de “colonização do mundo da vida pela ordem sistêmica”, cujo entendimento é de fundamental importância para a teoria da ação comunicativa que propõe.

Siebeneichler (2003) destaca que no mundo da vida as interações são mediadas pela linguagem (agir comunicativo); já no sistema, onde predomina a ação técnica, o meio de interação é o trabalho (agir instrumental ou estratégico). Da mesma forma, cada uma dessas esferas sociais possui seus recursos: o do mundo da vida é a solidariedade, isto é, uma força intersubjetiva que cria sentimento de pertencimento e interdependência entre os sujeitos; já os recursos do sistema são o dinheiro e o poder burocrático (Pinzani, 2009).

Quando a solidariedade (que é uma força frágil) é substituída pelos recursos do sistema (dinheiro e poder) no estabelecimento das relações intersubjetivas, diz-se que o mundo da vida foi colonizado pela ordem ou lógica sistêmica (Pinzani, 2009).

Siebeneichler (2003) defende que, nesse processo de colonização do mundo da vida, a lógica sistêmica busca fragmentá-lo, por meio do esvaziamento cultural, pela coisificação, pela perda de sentido e da liberdade, entre outros. Toda vez que o sistema (poder e o dinheiro) suplanta a comunicação mediada pela linguagem e, conseqüentemente, a solidariedade, racionalizando o mundo da vida, estamos colonizando-o e, conseqüentemente, dificultando o processo de formação das identidades do homem contemporâneo (Habermas, 1987; Siebeneichler, 2003).

Isso tudo serve de motivação para Habermas desenvolver a sua “teoria da ação comunicativa”. Para Habermas, é o esclarecimento que leva à condição de emancipação (Habermas, 1987; Siebeneichler, 2003).

Habermas (1975, p. 300) defende a comunicação como caminho para a eman-

ciação humana. O autor afirma que o processo de comunicação só pode se realizar plenamente numa sociedade emancipada, “que propicie as condições para que seus membros atinjam a maturidade, criando possibilidades para a existência de um modelo de identidade do Ego formado na reciprocidade e na ideia de um verdadeiro consenso”. Essa é a “teoria da ação comunicativa”, segundo a qual, é no agir comunicativo que o sujeito encontra condições propícias para sua emancipação.

Kohlberg (1971, apud Habermas, 1983) propõe seis estágios de desenvolvimento da consciência moral, dividindo-os em três níveis. A cada nível, os indivíduos tornam-se mais aptos a fazer jus à complexidade de sua vida social e moral (Pinzani, 2009).

O primeiro nível é o chamado “nível pré-convencional”, em que a criança responde a regras culturais e a noções de bom e mau, certo e errado, etc., porém interpretando-as em termos das conseqüências físicas ou hedonísticas da ação (punição, recompensa, etc.) (Habermas, 1983; Habermas, 1989). O segundo é o nível convencional, onde além de garantir a sua sobrevivência e prazer, o indivíduo passa a não apenas se conformar com as situações, mas também a identificar-se com as pessoas ou grupos nela envolvidos. (Habermas, 1983; Habermas, 1989). Já o terceiro nível, o nível pós-convencional, é explicado por Kohlberg (1971, apud Habermas, 1983, p. 61) como um nível onde o indivíduo define os valores e princípios morais válidos, independentemente da autoridade dos grupos ou pessoas que o sustentam (Habermas, 1983; Habermas, 1989).

Analisando a teoria de Kohlberg, Habermas (1983) afirma que no primeiro nível (pré-convencional) existe uma identidade natural; no segundo nível (convencional) a identidade de papéis, sustentada por símbolos; e no terceiro nível (pós-convencional), os portadores de papéis se transformam em pessoas, que, segundo Habermas (1983), podem afirmar a própria identidade independentemente dos

papéis concretos e dos sistemas de normas. A identidade do papel aí é substituída pela identidade do Eu.

## **POLÍTICAS DE IDENTIDADE E IDENTIDADES POLÍTICAS**

Goffman (1988), ao descrever a situação do “estigmatizado”, tanto no âmbito mais íntimo como no âmbito mais público, revela que a ele, frequentemente, é atribuída uma identidade pressuposta, cristalizada, que não necessariamente condiz com sua forma de ser e de agir.

A partir disso, Goffman (1988) sugere que indivíduos estigmatizados são “obrigados” a adotar uma política de identidade, uma forma de ser e agir meio que “comum”, inautêntica, a qualquer um que possua aquele estigma.

Opostamente à dominância das políticas de identidade na construção das identidades dos sujeitos, está o conceito de identidades políticas, proposto por Ciampa (2002). O autor define uma identidade política como aquela envolvida em “lutas pela emancipação de diferentes grupos sociais, que, em sua ação coletiva revelam velhas ou novas opressões.” (Ciampa, 2002, p. 139).

Uma identidade política é aquela que conjuga a igualdade e a diferença. Requer que o indivíduo em seu processo de socialização busque associação a grupos, ideias, causas que lhe deem sustentação, sem aprisioná-lo a eventuais políticas de identidade impostas ao/pelo grupo. Dessa forma, o indivíduo encontra espaço para o exercício de sua autonomia, por meio do seu processo de individuação.

Na análise da história e do projeto de vida é comum deparar-se com a presença de políticas de identidade impostas aos indivíduos – geralmente por especialistas, ou, como Goffman (1988) chamou, pelo exogrupo –, que procuram minar as condições para o surgimento de metamorfoses emancipatórias. Por outro lado, há as políticas

de identidade definidas pelo próprio grupo que, em geral, são orientadas à busca por autonomia, isto é, à emancipação trabalhada na teoria ciampiana e habermasiana. Lima (2010) identificou que nessa dialética entre a política de identidade do próprio grupo (aquela que conduz a uma condição de emancipação) e a política de identidade imposta ao grupo, surge o reconhecimento perverso, ou seja, um reconhecimento dado pelo exogrupo que se faz necessário, por exemplo, para que aqueles indivíduos possam exercer determinado direito. Esse reconhecimento é, portanto, uma forma de reconhecimento que reduz a personagem a um fetiche. É só quando um grupo de especialistas define alguém como “louco” que esse indivíduo reconhecido como “louco” terá acesso a um tratamento (Lima, 2010).

Dessa forma, entende-se que tanto as políticas de identidade impostas ao grupo como aquelas impostas pelo grupo podem limitar a autonomia do indivíduo, e isso não condiz com uma teoria de identidade-metamorfose orientada para a emancipação.

## **INDO ALÉM DA HISTÓRIA DE VIDA: ENTENDENDO O PROJETO DE VIDA DO SUJEITO**

Na figura 1, pode-se perceber que, para melhor investigar a identidade de um sujeito, é preciso conhecer sua história e seu projeto de vida. Fazer o sujeito falar sobre sua história de vida ajuda o pesquisador a entender como o sujeito se fez pessoa, seus valores e o quanto ele é ou não aderente às políticas de identidade.

Entretanto, para reforçar a ideia de que a identidade é metamorfose, não basta apenas conhecer o caminho percorrido pelo sujeito. É preciso, uma vez contemplada a possibilidade de metamorfose, analisar se há um projeto de vida consciente e autonomamente construído pelo sujeito.

Visando complementar o método de pesquisa das narrativas de história de vida,

propõe-se, aqui, que também o levantamento desse projeto de vida ganhe espaço nos estudos sobre Identidade. Analisando o projeto de vida, pode-se saber mais sobre a postura do sujeito em relação à sua vida (se é uma posição de refém ou de protagonista), o quanto ele é movido pelo seguimento às políticas de identidade ou se há sinais de desenvolvimento de uma identidade política e o quão aderente o sujeito está à lógica instrumental.

Ao longo dos casos coletados via entrevista de história de vida para a sua tese de doutorado, Dantas (2013) descobriu que, entre a total ausência de identidades políticas e a sua total presença, há um continuum em que é possível acomodar tanto indivíduos que não possuem ou não têm plena consciência de seus projetos de vida, como indivíduos que possuem projetos plenamente conscientes, porém heterônomos, que reproduzem a lógica sistêmica, com pouco espaço para o exercício de sua autonomia (figura 2).

## ESTUDO DE CASO

Nesta seção será apresentado o caso de Caio <sup>2</sup>, que reforça a ideia de que a existência de projetos de vida autônomos e a construção de uma identidade política conduzem o sujeito à emancipação.

Caio é de origem nipônica e, à época desse relato, estava com 33 anos de idade. Vive com seu companheiro há mais ou menos 2 anos (já se relacionam há mais de 4 anos), mora em São Paulo e trabalhou, por muitos anos, em um jornal de grande circulação desta mesma cidade. É formado em Administração de Empresas e, atualmente, é sócio-diretor de uma consultoria na área de Comunicação em Desenvolvimento Socioambiental.

Ao descrever sua história de vida, Caio relembra que, nas suas primeiras imagens de infância, recorda-se de uma vida humilde, com o pai trabalhando na feira para o sustento da família. Apesar das limitações financeiras, Caio se recorda com carinho da infância: “mas foi uma infância muito boa, tinha uma série de limitações financeiras, mas eu brinquei muito, brinquei na rua...”.

Caio destaca, já no início de seu relato, que o estudo teve um papel muito importante em sua criação e, conseqüentemente, em sua trajetória de vida. A questão da Educação vai, desde cedo, assumindo contornos importantes e ajudando Caio a se localizar no mundo. Ele busca (mesmo não tendo acesso às escolas particulares) sempre estar nas escolas com melhores avaliações, e é nesse processo que faz o curso técnico de 2º grau numa renomada escola pública de São Paulo, a qual, para ingresso, praticava um processo seletivo bastante concorrido, no qual, após um ano de preparação, Caio passa em 1º lugar.

Em muitos momentos de seu relato, Caio aponta um drama que estaria presente em muitos momentos de sua vida, e, principalmente, na fase inicial da adolescência: o sentir-se diferente. Caio sentia-se inferiorizado, entre os seus primos, que tinham condições financeiras melhores que a dele; já entre os colegas de infância (etapa transcorrida em um bairro popular de São Paulo), ele era visto como alguém de destaque. Inteligente, com uma família formalmente constituída (pai, mãe e irmã), que morava numa casa de tijolos, rebocada, bem superior à condição de seus colegas de turma que, muitas vezes, frequentavam a escola apenas por conta da “hora da merenda”. Ao mesmo tempo, a questão do pertencimento étnico também foi uma questão identitária mal resolvida de Caio: no meio dos brasileiros, ele era o “japonês”;

<sup>2</sup> Nome fictício para preservar o anonimato do entrevistado

no meio dos japoneses (e descendentes de japoneses), ele era o “brasileiro”. Ou seja, era sempre o “estranho”, o “diferente”.

Ali, naquela escola, Caio conseguiu (talvez pela primeira vez em sua vida) se ver como uma pessoa normal, uma vez que esse novo grupo de colegas que encontrara tornou-se uma comunidade de sentido para si, um universo simbólico no qual poderia exercer de forma mais livre sua identidade (ou, ainda, em que a política de identidade praticada por aquele grupo se encaixava mais ao seu perfil).

Chegando próximo do fim do curso de 2º Grau, Caio já sabia que queria fazer Administração de Empresas na faculdade. Sobre isso, ele ilustra dizendo:

E, no último ano – foi o ano do cursinho – eu já sabia que eu ia fazer administração [...], a minha meta era ser CEO – não era CEO... na minha época, era presidente – do Citibank, que eu queria ser muito rico, e eu passava na Paulista e falava para os meus amigos: “Eu vou ser presidente, eu vou subir andar por andar e vou chegar naquele último”. Aí eu lembro que eles falavam, “Ah, você vai limpar janela né, você vai do lado de fora, vai sobe, e sobe” e isso me marcou muito, eu lembro deles tirando sarro. Mas era uma referência para mim, eu realmente entrei em Administração querendo ter dinheiro. Ter possibilidades que eu não tinha até então, porque eu tinha tanta energia, e eu queria fazer, queria viajar, queria estudar, queria fazer muita coisa, que, na época, financeiramente, eu não conseguia.

Caio prestou dois vestibulares e foi aprovado em ambos: na Universidade de São Paulo (USP) e na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Como ficou em 1º lugar no vestibular desta última, ganhara uma bolsa de estudos integral.

Quando perguntado sobre o porquê da preferência inicial pela FGV, Caio diz:

Pois todos diziam que era a melhor, que todo mundo saía de lá bem

empregado. Tinha lido um ranking anual da Folha que a colocava em primeiro. Eu não conhecia bem nenhuma delas, então foi referenciado pelo que lia (e pra ser CEO do Citi, tinha de ser na melhor, né!? (risos)).

Caio demonstra aí que caminhava sempre guiado pelo seu projeto de vida do momento (ser “CEO do Citibank”). Não apresentava, até então, apesar de já demonstrar alguns indícios, uma identidade política totalmente construída. Seu projeto de vida, inclusive, estava associado a políticas de identidade que ele, conscientemente ou não, desejava seguir para alcançar seus objetivos.

Caio, entretanto, reviveu sentimentos quando começou a frequentar a FGV:

Entre na FGV, que era o meu sonho, e consegui a bolsa, mas vi que aquele não era um lugar para mim, ainda bem que eu tive essa maturidade de desistir de um sonho [...] eu notei que eu ia voltar para o mundo em que eu ia ser ‘o deslocado’.

Isso fez Caio prestar a 2ª fase da USP, com mais dedicação e empenho e, como já era de se esperar, foi aprovado. Optou por estudar Administração à noite; além disso, recebeu um convite de uma empresa na qual tinha feito estágio no 3º ano do ensino técnico para um processo seletivo e começou a trabalhar durante o dia.

Trabalhou nesse estágio por 9 meses, até mais ou menos o final do 1º ano da faculdade. Não gostava do que fazia (era um serviço mais burocrático), trabalhava pelo dinheiro. Até que

Estava bem deprimido... eu acho que era depressão mesmo [...] eu estava muito mal, até o dia que a minha mãe virou e falou, ‘Eu não estou nem te reconhecendo mais, como você, eu acho que você tem que sair desse emprego’ [...] Mas arrastei 9 meses, pedi demissão, tinha 1.220 reais na conta, e fiz meu 1º mochilão... na verdade, foi uma mochilinha.

Depois de pedir demissão da empresa em que trabalhou por 9 meses, Caio, que já tinha assumido para si que “gastar dinheiro com viagem não é gasto, é investimento”, foi com duas amigas viajar pelos estados do sudeste brasileiro, no estilo “mochileiro”.

Após essa experiência, talvez não de forma totalmente consciente, Caio começa a viver um dilema: quer aproveitar a vida, quer passear, conhecer lugares novos, divertir-se, mas, para isso, precisa de dinheiro. Vê-se frente à lógica sistêmica e não vê saída. Não consegue reunir condições para se emancipar. Dessa forma, voltando dessa viagem, Caio vai até a faculdade e observa no mural de estágios que um importante jornal de São Paulo estava com um processo seletivo aberto para contratação de trainees, sendo que este, diferentemente da grande maioria dos processos de trainees, aceitava estudantes de 1º e 2º anos. Ele pensou: “Nossa, trainee... ganha uma puta grana, e pode já no 2º ano, eu gosto de ler e escrever e tal”, e se inscreveu.

Participou de várias etapas do processo seletivo e foi aprovado, passando a integrar o time de jovens jornalistas trainees desse famoso jornal.

Porém, é preciso lembrar o que moveu Caio para aquele lugar. Ele estava ali pelo dinheiro. Queria um salário para poder explorar o mundo. Não estava ali pelo amor ao jornalismo (nem faculdade de Jornalismo fazia. Cursava Administração e tinha o sonho de ser presidente do Citibank).

Ingressando no jornal, Caio recebeu um convite da editora dos canais semanais do jornal para integrar sua equipe: “E, por algum motivo, ela se encantou comigo, [...] e aí foram 11 anos de vida profissional nesse jornal, no total”.

Nesse período em que atuou no jornal, Caio conseguiu experimentar um pouco da vida que sonhava e realizar alguns de seus desejos (a política de identidade do cargo que ele exercia lhe permitira isso):

Trabalhar lá me permitia frequentar os restaurantes mais caros de

São Paulo, de fazer viagensinhas executivas para a Alemanha, as coisas mais luxuosas, que eu não teria dinheiro para... Mas foi bom para eu conhecer um mundo... que eu não sinto a menor falta, para te falar a verdade hoje.

Caio tem consciência de que aquilo hoje não faz mais sentido: “eu queria poder me igualar às outras pessoas e poder falar: “Eu fui para Paris, eu frequentei não sei o quê’, eu tinha esse desejo de me sentir bem, eu queria... Que eu achava que eu tinha potencial e merecia, sei lá”. Apesar de reconhecer que atualmente isso tudo não faz mais sentido para ele, Caio teve oportunidade, nesse momento, de experimentar um pouco do seu projeto de vida até então, o de ser um alto executivo, de ter acesso àquilo que não tinha quando era criança.

Caio prosseguiu com sua vida, principalmente com o trabalho e a faculdade, sendo assim por mais de três anos. Entretanto, chegou um momento em que, segundo ele: “nesse meio tempo pesou o fato de que eu não tinha conhecimento, o jornal me pressionava muito por um intensivo cultural que eu não tinha. Foi quando eu decidi largar”. E Caio saiu do emprego para ir atrás desse conhecimento cultural. Resolveu que ia viajar o mundo, conhecer outras culturas, ganhar experiência de vida. Propôs-se um projeto de vida novo, totalmente diferente daquele que estava desenhando para si.

Mesmo tendo um fator instrumental (ainda existia, como motivador da decisão de Caio, o desejo de se adequar à política de identidade do seu empregador que, desde a sua seleção, deixou explícito que ele precisava de um “banho cultural”), o sentido dessa decisão de Caio foi muito maior: tratava-se de um novo projeto de vida.

Entre os motivadores dessa decisão, além da pressão que sentia de não ter o nível de conhecimento cultural esperado em seu trabalho, Caio destaca : “A busca por

cultura, a curiosidade pelo novo, o desejo de ‘preencher’ o status quo, a fuga do estresse do dia a dia aqui...”.

Caio diz que, tomada essa decisão, procurou fazer de tudo para que a experiência fosse a melhor possível. Para isso, preveniu-se financeiramente e diz que: “E aí esse foi, eu diria que o momento mais marcante da minha vida, eu diria que a viagem que, aí sim, concretizou as bases de quem eu sou hoje, que me deu a força, que me colocou no caminho”.

Nesse esforço de Caio de juntar dinheiro para realizar seu projeto de vida de conhecer a Europa, Caio precisou se dedicar muito ao trabalho. Porém, tudo isso tinha um propósito, que era realizar seu sonho. Podemos dizer que, mesmo aparentando que Caio estava servindo ao sistema, o que ele estava fazendo era servindo a si próprio. Pode-se comparar esse momento de Caio (de excessiva carga de trabalho para acumular dinheiro) com o de muitas outras pessoas; porém, a diferença (que faz com que essas outras pessoas reclamem e se queixem desse excesso de trabalho) é que, para Caio, tudo aquilo tinha o sentido de uma condição para a realização de seu projeto de vida. Para essas outras pessoas, por esse excesso de trabalho não ter o mesmo sentido (talvez elas nem tenham consciência do sentido que as levam a aceitar uma determinada situação), a conotação é bem diferente. Percebe-se, aí, mais uma vez, indícios de uma identidade política e pós-convencional, em que o próprio indivíduo define para si valores e princípios moralmente válidos.

A viagem que Caio planejava fazer com sua amiga Sheila <sup>3</sup>, assume um sentido muito importante para ele, que não poupa esforços para concretizar esse projeto. Em seu projeto de metamorfose, o luxo e a ostentação já não são mais necessários e, comparando com o tempo em que esteve no jornal e como ele já relatou, frequentan-

do os restaurantes mais caros de São Paulo, indo para viagens de alto padrão, dessa vez, a proposta foi outra:

Foram 6 meses duríssimos, a gente morou em uma barraca 6 meses [...] e a gente carregou comida, então a gente andava com mochila [...] e carregava nas mãos todas as comidas. Enlatado, feijão, não sei o que lá, para a gente cozinhar à noite.

Caio e Sheila queriam economizar ao máximo durante a viagem para poder estendê-la pelo maior tempo possível e conhecer mais lugares. Foram 6 meses de muita privação:

Passei frio, passei fome, eu fiquei com 52 quilos [...]. Foi um exagero, é que a gente realmente não sabia gerir o nosso dinheiro, a gente ficou com medo de acabar no meio, a passagem já estava marcada lá para não sei quando, foi super exagerado e desnecessário. Passei muita fome, mas foi divertidíssimo, foi uma coisa... não foi uma viagem culturalmente super rica, porque foi aquela viagem correndo e tal, porque eu não tinha maturidade para parar em frente a um quadro e fazer a minha análise, a minha leitura daquilo como eu tenho hoje, mas foi fantástico assim, foi fundamental.

É com muito carinho que Caio relembra esse momento, que seria apenas o início de um processo bastante intenso de descobertas, explorações e metamorfoses em sua identidade:

Mas era muita vontade... era muita energia que tinha para gastar, e saiu então dessa viagem a vontade de continuar viajando. Não me dei por satisfeito. Aí voltei para o Brasil e fiquei um mês, nesse meio tempo eu comecei a namorar a Marcia <sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Nome fictício para preservar o anonimato.

<sup>4</sup> Nome fictício para preservar o anonimato.

Passados esses 6 meses, Caio volta para o Brasil e, empolgado com a viagem que acabara de fazer, resolve viver mais o papel de viajante. Para isso, contudo, precisava de dinheiro. Apesar de todas as economias que fizera nos seis meses em que esteve viajando pela Europa, não tinha sobrado muita coisa. Daí uma nova fase na vida de Caio surge: decide que vai passar um tempo no Japão, trabalhando de operário (como tantos outros *dekasseguis*<sup>5</sup>) e, com o dinheiro acumulado lá, fazer uma outra viagem como aquela primeira, agora pelo Oriente.

Pode-se apontar que, nesse novo projeto de vida de Caio, o mundo da vida se utiliza do sistema, e não o contrário, já que ele vai em busca de dinheiro, de trabalho, com um propósito muito maior, que é a realização de um projeto de vida que lhe proporcionaria muitos fragmentos emancipatórios.

Até então, Caio achava que a sua passagem pelo Japão seria puramente funcional, para que pudesse acumular dinheiro que utilizaria em sua nova viagem. Entretanto, houve ali uma reflexão identitária, afinal de contas, Caio era “o brasileiro que era japonês” e o “japonês que era brasileiro”, e houve, nesse enfrentamento, em estar ali no Japão, uma dose de sofrimento: “enquanto eu estava lá eu não entendia, eu chorava diariamente, ia no ofurô, enchia o ofurô e chorava”.

Caio teve que aprender a fazer aquilo do que ele fugiu a vida toda: habilidades motoras. Ao falar sobre sua infância, Caio contara a não aptidão que tinha nos esportes na escola, o que reforçou a sua atuação, sua personagem de “o bom aluno”, o “estudioso”. Porém, diferentemente do passado, em que ele pôde optar por não enfrentar sua falta de habilidade, agora havia um motivador muito forte para que ele vencesse esse desafio: se não aprendesse a soldar

os chips da máquina fotográfica, ele não conseguiria dar seguimento ao seu projeto de conhecer o Oriente e viver outras experiências por lá. Não conseguiria experimentar mais daquele prazer que tinha sentido em ficar meses conhecendo novos lugares. E, mais uma vez, a persistência, o desejo de superação, o foco em seu projeto de vida, fez com que Caio alcançasse seus objetivos e conseguisse juntar o dinheiro necessário para sua próxima jornada.

Quanto ao seu sentimento de falta de pertencimento, isto é, sua não-adaptação às políticas de identidade do “brasileiro nato” e do “descendente de japonês”, Caio encontrou uma resposta:

Eu cheguei à conclusão de que eu não pertencço a nenhum dos 2 lugares, eu não me sinto totalmente à vontade em nenhum dos 2 lugares, na completude assim, e nem acredito que eu sou aceito na completude, porque lá eu era o japonês que falava com a mão, do jeito que eu estou falando [...]. E aqui vou ser sempre o japonês. Lá eu era ‘o gaijin’<sup>6</sup>, aqui eu sou “o japonês”, essa coisa que sempre permeou a minha vida toda. Mas eu entendi, fiquei um pouco em paz com isso, porque eu cheguei à conclusão, isso depois da viagem [...] de que eu tenho uma imensa vantagem cultural de poder tirar o melhor de dois mundos. E que isso poderia trazer muitas coisas boas para a minha vida, e, na hora que caiu isso, eu fiquei mais em paz, e eu estou doido para voltar para lá, inclusive”.

Caio consegue, no meio de todo o estresse de trabalho e de todas as privações que encontra no Japão, encontrar sua etnicidade. Ele entende sua condição de descendente de japonês que nasceu e foi criado com muitos valores brasileiros, e fica feliz em ver que pode tirar o melhor desses

<sup>5</sup> O termo *dekassegui* é genericamente utilizado para designar os estrangeiros, descendentes de japoneses, que vão para o Japão por um tempo (às vezes, anos) trabalhar para juntar dinheiro e voltar para sua terra natal.

<sup>6</sup> *Gaijin* é o termo utilizado pelos japoneses para designar estrangeiros, pessoas que não nasceram no Japão (mesmo que toda a sua ascendência seja 100% japonesa).

“dois mundos”, como ele mesmo diz. Se libera das identidades pressupostas e das respectivas políticas de identidade étnicas, e assume uma identidade para si, respeitando sua singularidade e reforçando a sua identidade política que, cada vez mais, estava aflorando.

Com os objetivos alcançados, Caio partiu para sua viagem pelo Oriente:

aí eu fiz a viagem de autodescoberta... além dessa parte do Japão, mas uma viagem de pura reflexão e de me encontrar. Que aí fui para a China... na verdade, Tibete, que eu faço questão de dizer que é Tibete e não é China.

Levando US\$ 10 mil dólares no bolso e um monte de questões em sua cabeça, Caio deixa o Japão e parte para uma nova cruzada: o Oriente. Começa esse caminho pelo Tibete, de onde, depois, vai para o Nepal.

Nessas passagens por esses países (também visitou a Índia, Camboja, Vietnã e Tailândia), Caio se permitiu viver novas experiências e sensações, solidificando cada vez mais uma identidade política que começara a se formar anos antes.

Voltando ao Brasil, diz que retomou seus estudos na faculdade de Administração, mas aquele Caio que voltara dessa viagem pelo mundo não era mais o mesmo Caio que deixara a faculdade um ano antes: “eu voltei com uma cabeça budista, usava bata, as pessoas na faculdade me achavam um bicho grilo...[...] um retardado, mas querendo o bem do mundo, enfim. Voltei para o Brasil, e entrei em profunda depressão”.

Nesse período, Caio não sentiu mais desejo de continuar sua relação heterossexual, desfez o namoro, assumindo seu desejo por homens (libertou-se de um padrão de comportamento, de uma política de identidade que se impusera; o “CEO do Citibank” não podia ser homossexual) e passou a criticar a forma de as pessoas em sua volta se relacionarem. Tudo lhe parecia frívolo, falso:

Foi um período muito duro, porque eu não respeitei as pessoas nesse período, e hoje eu vejo... eu via como tudo era muito falso, cada um tinha construído a sua máscara, e eu queria que elas se livrassem daquilo como eu tinha me livrado.

O desejo de “libertar o mundo de suas máscaras” era imenso em Caio. Ele tinha experimentado isso e viu que, apesar de toda a dureza do processo e de todo o sofrimento, o resultado era bom. Era muito bom ser livre e viver a sua verdade. Ele também questionava sua escolha profissional por Administração, não tinha mais o sonho de ser presidente do Citi-Bank como tinha na adolescência. Não lhe fazia mais sentido ser rico, milionário para poder ter o que quisesse e ostentar isso para os demais.

Caio chegou a participar de um processo seletivo para uma vaga em uma empresa multinacional quando voltou, mas, mesmo sendo aprovado, não se identificou com aquilo e recusou a vaga, dizendo não à lógica sistêmica. Queria descobrir algo que pudesse fazer com a profissão em que estava se graduando, mas que não conflitasse com todos os valores apreendidos durante sua experiência de autodescoberta. Nesse meio-tempo, surgiu um convite para ele retornar para o jornal em que trabalhara antes da viagem, o qual Caio prontamente aceitou:

E voltei para o jornal porque eu amava o que eu fazia lá [...] aos poucos, eu fui saindo sozinho daquela depressão que eu estava, já entrei lá ciente de que, em algum momento, eu sairia, mas eu não sabia para que...

Caio retomou seu trabalho e sua tranquilidade em relação a tudo, e, usando suas palavras: “a coisa foi assentando, fui tendo maturidade, envelhecendo, e um belo ano, caiu em 2006 o ‘Empreendedor Social’ nas minhas mãos”.

“Empreendedor Social” é um prêmio organizado pelo jornal em que Caio trabalhou, e que visa reconhecer ações isoladas feitas por pessoas da sociedade civil e que impactam de maneira significativa o desenvolvimento social de populações carentes. Caio recebeu a missão de coordenar esse projeto. No início, ficou um pouco arredio, pois isso significava mais trabalho para ele – que já trabalhava bastante. Porém, mesmo sem saber direito o que era aquilo, tocou, pois tinha um grande atrativo: ele teria que viajar o país todo para conhecer de perto cada um dos projetos concorrentes.

Aí me apaixonei, eu comecei a descobrir muitas coisas assim, é um intensivo atrás do outro, cada vez que eu entro em uma favela, que eu entro em uma Amazônia, que eu visito o sertão, é um privilégio. [...]. Elas me inspiravam aos poucos a seguir a minha missão [...]. Um empreendedor que venceu, Cláudio Parda me falou algo que me marcou para sempre: ‘quando você descobre qual é a sua missão, a coisa fica mais fácil, você passa bem por um monte de sofrimento’.

A experiência de visitar essas comunidades, os projetos sociais, conviver com os empreendedores, com os assistidos, fez Caio significar os aprendizados de sua viagem ao Oriente em terras brasileiras. Ele sentiu que não precisaria de “períodos sábaticos” para poder vivenciar o que queria e que isso poderia ser uma constante em sua vida. Ele achou lugar para o seu ativismo que conhecia desde criança, para sua vontade de mudar o mundo, de “desmascarar” a vida. Também achou lugar para conciliar os valores que construiu nessas suas metamorfoses com sua escolha profissional.

Mesmo recebendo oportunidades de ser promovido no jornal, de fazer parte da direção executiva e ir trabalhar no meio político, Caio renunciou a tudo isso. Sentia que o que lhe dava prazer profissional era conseguir colocar em prática aquela que identificou depois de todo esse processo de autoconhecimento como sua missão: “a

minha causa é a luta contra a desigualdade, contra a pobreza”. Pobreza e desigualdade que Caio conhecia, mesmo que em proporções menores, o sabor. E ele sabia que não era ganhando mais dinheiro, tendo mais status profissional, naquele contexto, que ele estaria cumprindo com essa missão. Caio demonstra ter atingido o nível de uma identidade pós-convencional, em que é guiado por valores e por uma ética universal e uma identidade política, com total consciência e fidelidade ao seu projeto de vida. A maioria das pessoas, em seu lugar, provavelmente, não pensaria duas vezes em aceitar a proposta de ascensão financeira-profissional que lhe fora proposta, mas Caio, como pessoa emancipada, passa essa decisão sobre o crivo de sua felicidade, de seu projeto de vida e não encontra sentido nesse caminho.

Posto isso, disse que começou a refletir como cumprir sua missão. E foi dessa forma que Caio deu início a seu novo projeto de vida. Viu que o ciclo no jornal se fechara e ele precisava de mais tempo livre para poder tocar esse novo projeto. Começou se articulando com alguns amigos, que considerava terem um olhar semelhante ao seu; pediu demissão do seu emprego; conseguiu negociar para manter seu cargo de consultor externo, a fim de continuar tocando o prêmio para o jornal (e assim garantir uma renda mínima); e tornou-se empreendedor. Hoje é sócio-diretor de uma consultoria na área de empreendedorismo social, cuja missão é “Integrar organizações socioambientais, empresas e governo por meio de soluções inovadoras em comunicação, gestão, avaliação e educação para promover uma sociedade mais justa e sustentável”.

Diz que já tem alguns clientes, e que o negócio está começando a crescer. Durante esse período, procurou psicoterapia para absorver melhor a questão da sua sexualidade e também para entender melhor tudo o que viveu nessas experiências todas de descoberta.

Engatou um relacionamento sério com um homem, pelo qual se diz totalmen-

te apaixonado há 4 anos; no momento, estão comprando um apartamento juntos.

Está se preparando para fazer um mestrado aqui no Brasil, pretendendo aliar a sua atuação profissional à carreira de professor. Tem planos (junto com o seu companheiro) de ter filhos (não sabe ainda se adotivos ou com alguma doadora de óvulos, barriga de aluguel) e segue fiel a seus propósitos de vida.

É, acima de tudo, uma pessoa feliz e realizada. Isso é nítido no contato com ele.

O caso de Caio é muito valioso, pois, além de confirmar que identidade é metamorfose, também ilustra bem a existência das metamorfoses emancipatórias. Além disso, sustenta a tese aqui defendida de que o caminho para a emancipação passa pela existência de projetos de vida vinculados às identidades políticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou discutir como a análise da existência e consciência de um projeto de vida autônomo, suportado por uma identidade política, favorecem o aparecimento da emancipação no indivíduo.

Deparamo-nos com algumas possibilidades: o sujeito pode, principalmente por pressão do sistema, submeter-se às políticas de identidades que restringem o desenvolvimento de projetos de vida orientados à emancipação. Mas há também outro caminho: o caminho das metamorfoses de identidade que encampam lutas por emancipação, onde o sujeito sai da condição de refém da lógica sistêmica e adota uma posição de protagonismo, a partir de um projeto de vida autônomo.

Para esse segundo caminho se tornar possível, verificou-se que duas condições são bastante contributivas: a existência de um projeto de vida e o desenvolvimento de uma identidade política pelo sujeito.

Ter um projeto de vida faz com que o indivíduo relacione de forma mais concreta

a atividade e a consciência com a sua identidade (Ciampa, 2009). Um indivíduo que tem consciência de suas ações (atividades) consegue dar-lhes sentido apropriando-se criticamente (consciência) daquilo a que é submetido e exposto.

Sujeitos que não desenvolvem um projeto de vida para si acabam vivendo de forma heterônoma. As condições exteriores exercem grande influência sobre o desenrolar de suas vidas.

Quando o sujeito passa a ter maior consciência de seus projetos de vida (os quais possuem, pelo menos parcialmente, um caráter autêntico), deixa de reproduzir automaticamente aquilo que as políticas de identidade apresentadas impõem como “necessário” e o passa a experimentar uma certa sensação de autonomia.

Além desse projeto de vida orientado para sua autonomia, é preciso desenvolver uma identidade política que lhe dê suporte, pois, apenas assim, o sentido de suas decisões de vida estará pautado na consciência de seu papel ativo (de protagonista, e não de refém) na busca por sua emancipação.

O caso de Caio mostra um indivíduo que, desde cedo, apresentou sinais em direção à construção de uma identidade política. Entretanto, como é comum em tantos outros casos, as condições de vida que lhe foram apresentadas, de certa forma, retardaram esse processo. Além disso, sendo um ser-no-mundo, Caio recebia influências externas, o que fez com que, num primeiro momento de sua adolescência e fase adulta, buscasse se encaixar em políticas de identidade do que lhe era transmitido como referencial de sucesso e, possivelmente, de felicidade.

Foi só quando Caio olhou para si mesmo e permitiu se reconhecer como “um outro outro que também era ele”, que sua identidade política se desenvolveu e seus projetos de vida passaram a ser mediados pela luta por emancipação.

O caso de Caio mostra que, quando se atinge uma identidade pós-convencio-

nal, o indivíduo se sente mais seguro para promover mudanças em sua condição de ser-no-mundo, apoiando-se em um projeto de vida autônomo e em sua postura política de ser-para-si.

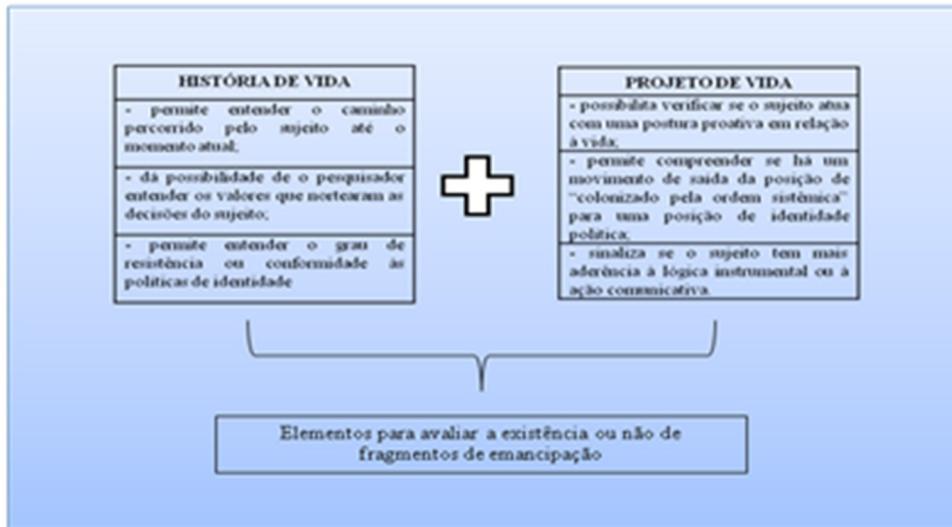
## REFERÊNCIAS

- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2008). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes (original publicado em 1996).
- Canetti, E. (1990). *A consciência das palavras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ciampa, A. C. (2009). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense (original publicado em 1987).
- Ciampa, A. C. (1997) *Las metamorfosis de la metamorfosis humana: És posible todavia una utopia emancipadora? Comunicação apresentada no Simpósio “Metamorfoses da identidade no mundo contemporâneo” do XXVI Congresso Interamericano da SIP*. (7 de setembro de 1997, p. 1-5).
- Ciampa, A. C. (2002). *Políticas de Identidade e Identidades Políticas*. In Dunker, C. I. L., & Passos, M.C. *Uma psicologia que se interroga – ensaios*. São Paulo: Edicon.
- Dantas, S. S. (2013). *De refém a protagonista: o desenvolvimento de identidades políticas e projetos de vida tornando o consumo um viabilizador de identidades emancipadas*. Tese de Doutorado. PUC-SP.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (original publicado em 1963)
- Habermas, J. (1975). *Conhecimento e interesse*. In *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural (Vol. XLVIII)..
- Habermas, J. (1987). *Teoria de la accion comunicativa* Madrid: Taurus (Tomo I e II).
- Habermas, J. (1983) *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Ed. Brasiliense (original publicado em 1976).
- Habermas, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (original publicado em 1983).
- Habermas, J. (1987, setembro) *A nova intransparência – a crise do estado do bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas*. *Revista Novos Estudos*, Cebrap (n.18).
- Heidegger, M. (1979). *Identidade e diferença*. In Heidegger, M. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. São Paulo: FAPESP/EDUC.
- Pinzani, A. (2009). *Habermas leitor de Kohlberg: o desenvolvimento moral da sociedade pós-convencional*. *Revista Mente, Cérebro & Filosofia*, (vol.8, 2009, p. 33-39).
- Queiroz, M. I. P. (1998). *Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”*. In Simson, O. M. V. (org). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais.
- Resse-Schäfer, W. (2001). *Compreender Habermas*. Petrópolis: Vozes.
- Siebeneichler, F. B. (2003). *Jurgen Habermas: razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro.

Recebido em 12 de agosto de 2014.

Aprovado para publicação em 10 outubro de 2014.

Figura 1 – Analisando histórias e projetos de vida



Fonte: elaborado pelo autor (2014).

Figura 2 – Diferentes estágios de desenvolvimento da identidade mediados pela existência de projeto de vida e da conquista de identidade política



Fonte: elaborado pelo autor (2014) baseado em Dantas (2013)